

A cidade enquanto materialização de sentidos e a obliteração de subjetividades

The city as a materialization of meanings and the obliteration of subjectivities

Douglas Moreira da Silva¹

Resumo: A cidade é a materialização de sentidos e afetos, há um embate de forças com escopo de dominá-la, é diante de tal percepção que pretende-se discorrer este escrito. Ao compreender desde sua gênese, segundo Careri (2013) que o potencial arquitetônico é inextricável a lógica simbólica, é preciso refletir sobre a onda engendrante das políticas neoliberais na reinvenção das cidades como elucida Sanchez (2010), tal poder dominante torna-se um rolo compressor obliterando as subjetividades. Entretanto, urge-se a necessidade de conceber a ideia de cidade a partir da lógica do corpo que a vivência, somente com a profanação dos espaços, segundo Agamben (apud Jacques e Britto, 2010) será possível a restituição do espaço ao corpo que o experimenta.

Palavras-chave: Cidade; Sentido. Corpo.

Abstract: The city is the materialization of meanings and affections, there is a clash of forces with the aim of dominating it, it is in light of this perception that this writing is intended to be discussed. By understanding from its genesis, according to Careri (2013) that architectural potential is inextricable from symbolic logic, it is necessary to reflect on the engendering wave of neoliberal policies in the reinvention of cities, as Sanchez (2010) explains, such dominant power becomes a roller compressor obliterating subjectivities. However, there is an urgent need to conceive the idea of the city from the logic of the body that experiences it, only with the desecration of spaces, according to Agamben (apud Jacques and Britto, 2010) will it be possible to restore the space to the body that it try it.

Keywords: City; Sense. Body.

¹ Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Oeste da Bahia- UFOB e professor da educação fundamental no município de Santa Maria da Vitória, Bahia.

O que é cidade?

Segundo Careri (2013) a humanidade primitiva possuía o caminhar enquanto ritual. Esse modo de existir, denominado de anarquitectura, coexistiu com uma outra percepção de conceber o espaço, que seria a visão sedentária, ou nas palavras do autor “arquitetos” (idem, p. 32). As origens do construir estão imbuídas de processos de significação, segundo o autor supracitado, “os menires também haviam sido pensados e realizados - além da função local de simulacros do culto por parte dos habitantes dos vilarejos da região - como pontos de referência, sinais ou lugares de pausa dos viandantes” (idem, p. 56). O próprio *Ka*, egípcio, que significa erro, advém segundo Giedion (apud Careri, p. 59, 2013) da pedra que emergiu do caos. Nas palavras do autor, *Ka* seria,

”[...] um monólito que representaria a petrificação vertical do primeiro raio solar e que estaria ligado à simbologia dos menires, dos obeliscos e das pirâmides. O nascimento do espaço interno, por sua vez, estava ligado ao conceito do *ka*, o símbolo da eterna errância, uma espécie de espírito divino que simbolizava o movimento, a vida, a energia, e que trazia consigo a memória das perigosas migrações paleolíticas. O símbolo do *benben* é um monólito de forma cônica com a ponta luminosa, ao passo que o hieróglifo do *ka* é composto por dois braços levantados para o céu, provavelmente representando o ato da transmissão da energia divina e da adoração do sol. (p. 59)

A ênfase na gênese do que se entende enquanto construir no espaço é proposital com escopo de afirmar a cabal relação entre cidade e sentido. Desde Argan em “*Historia da Arte e História das cidades*” (1998) a condição etimológica da palavra cidade é também a mesma para civilidade. Logo ao pensar o conceito de cidade estabelece-se o sentido de civilização, dito de outra forma, refletir a cidade é pensar o projeto de sociedade.

Sendo assim, respondendo a pergunta da epígrafe deste escrito amparando-se em Zanella (2020), cidade é a composição de tempos e espaços, é a inscrição dos modos de vidas, imbuído de um processo plural e que apresenta em sua “tessitura as marcas do processo histórico de sua constituição, das lutas que fecundaram o que hoje se apresenta e as possibilidades do que pode vir a ser” (idem, p. 08). Ou nas palavras de Argan (1998) “a cidade é um sistema de informação e comunicação” (p. 246).

Ainda sobre os apontamentos de Argan (1998), é relevante aclarar as possibilidades de cidade, sendo estas: a cidade ideal e a cidade real. A

primeira seria a representativa, aquela que é idealizada mediante os valores de seu tempo. Já a última consolida a cidade enquanto uma obra de arte, pois, assim como na produção artística, sofreu modificações e redirecionamentos durante o percurso. Sendo assim, conclui o referido autor que “(...) A forma é um resultado de um processo, cujo ponto de partida não é a própria forma. (Idem, p. 75). Tal fato se torna visivelmente perceptível na obra de Ambrosio Lorenzetti (1290-1348), *“Alegorias do Bom e do Mau Governo e os Efeitos do Bom Governo”*. Nesta obra um dado está claro, a cidade está em construção.

A cidade enquanto materialização de sentidos: cidade-afeto x cidade-mercadoria.

(...) Cidades são máquinas de sentido que nos atravessam e nos moldam cotidianamente. A cada passo, a cada esquina, somos subjetivados pelo espaço. Assim, pensar e produzir sobre o espaço de forma crítica se torna uma operação crucial diante das uniformizações que o contexto social impõe ao sujeitos no ambiente urbano, onde os desejos e atitudes são conformados a todo instante por ideologias hegemônicas que se alteram também a potência intrínseca do espaço público como lugar de identificação e apropriação por seus habitantes. (SILVA, p. 14, 2018)

Zanella (2020) afirma que a cidade é um espaço aberto e interseccionado de vivências múltiplas. Neste espaço impera-se a constante necessidade de lidar com o outro, e maneiras de obliterar a alteridade são recorrentes e manifestas, entre elas há o muro. Com objetivo primário de proteção- o muro que desde Eisler na obra *o Cálice e a Espada* (2001) surge a partir do fim do matriarcado em Creta e estabelece-se enquanto materialização do domínio patriarcal- constrói a possibilidade de homogeneidade para quem está do lado de dentro, e em contrapartida o outro, o diferente, a alteridade torna-se ameaça. A construção de afetos na cidade só é possível a partir do significado dado a determinado espaço. Por sua vez, o significado só é possível através da experiência. A cidade é lida e compreendida a partir dos afetos. Quais são os lugares que apresentam perigo ou conforto? Como dito, a leitura, compreensão e percepção de lugar é mediada pela relação afetiva. Porém, o sentir não está dado se é construído. Ranciere (2010 apud Zanella, p. 45, 2020) aponta que há “um

sistema de formas à priori determinando o que se dá a sentir”. Dito de outro modo, há uma ordenação que delimita o que deve ser percebido e sentido. Ronilk em *“Esferas da Insurreição”* (2018) afirma que há uma lógica manipuladora que estabelece seus comandos a partir do mecanismo da micropolítica com o objetivo de atacar a subjetividade. Esta lógica também se dá em esfera macro a partir de leis e proibições. Henri Lefebvre no texto *“Direito à Cidade”* (2001) destaca que existe um poder invisibilizador dos outros espaços que são desprovidos de interesses para lógica dominante.

Sánchez em *“A Reinvenção das Cidades para um mercado mundial”* (2010) ressalta que a lógica neoliberal promove um espetáculo urbano com o objetivo de reinserção internacional das cidades, tal manobra apresenta-se com a faceta de modernidade e aprimoramento. Entretanto, o que se constata através dos projetos de gentrificação é a mercantilização do espaço urbano denominado pela referida autora de *“city marketing”* (p.55). Uma vez mercantilizado o espaço oblitera, reduz e filtra a relação afetiva com o corpo que experienciava, pois, esse processo apaga as subjetividades em favorecimento da padronização. Nas palavras da autora,

(...) a mercadoria cidade, produto aparentemente terminado e traduzido em imagem urbana, pronta para entrar em circuitos e fluxos de informações e comunicação internacional, não permite identificar como se deu sua construção, sua história aparece velada, sua gênese, esquecida. Conforme Marx, direcionar um olhar para a gênese da mercadoria permite descobrir o sistema sociais, econômicos e culturais, os arranjos de poder, as hierarquias, os jogos de interesse que compareceram para construí-la. (...) No mercado das cidades, o diferente é tornado igual, a uma equalização operada por meio das imagens de marca. Como resposta a essas pressões, os projetos de cidade, os modelos de desenvolvimento construídos pelos governos locais junto agentes privados com interesses localizados, parecem guardar a vírgula de fato, semelhanças significativas. (Idem, P.70-71)

Por uma outra lógica da cidade: a corpografia.

Assim como colocado por Argan (1998) a cidade é uma obra de arte, e é a partir da experiência estética que se deve ocorrer a tomada do espaço pelo corpo. Careri (2013) ressalva que desde o século XX há possíveis diálogos, diretamente estabelecidos, entre arte e cidade, seja com os

dadaístas e suas visitas a “lugares insossos” (p.73), a “deambulação surrealista” (p.77), a derive da Internacional Situacionista que objetivava “apoiar na psicogeografia [...] investigando os efeitos psíquicos que o contexto urbano produz no indivíduo” (p.82-4), ou o Land Art, que nas palavras do supramencionado autor é “um retorno ao neolítico” (p. 121). O que essas experimentações artísticas propuseram foi a vivência do espaço por uma outra lógica, a do corpo. A lógica imperante é padronizadora e possui por desejo apagar as subjetividades. Como colocado por Guattari e Ronilk (1986), há mecanismos que visam uma espécie de controle social e “instâncias psíquicas” (p. 26) com fim de estabelecer a percepção de mundo. Talvez, ao lograr êxito com tal mecanismo seria possível o completo domínio daquilo que Deleuze e Guattari (apud Silva, 2018) denominaram de *espaço estriado*, ou seja, um espaço controlado, uniforme e padronizado.

As manobras de poder com fim de uniformizar ou *estriar* o espaço só são possíveis através do corpo. É no corpo que concentra-se os enviesamentos e atravessamentos políticos, uma vez controlando os corpos pode-se dominar os espaços. Não é trivial a criação de um *contraespaços* possíveis para outros corpos, chamados por Foucault (2013) de heterotopia.

Se o projeto de uniformização só é possível através do corpo, a subversão e superação desta lógica dominante, talvez, pode também ser viável pelo corpo. É a partir de tal pressuposto que Jacques e Britto (2010) abordam a corpografia.

(...) A cidade é percebida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação configurando uma corpografia urbana: uma espécie de cartografia corporal, em que não se distinguem o objeto cartografado e sua representação, tendo em vista o caráter contínuo e recíproco da dinâmica que os constitui. Uma ideia baseada na hipótese de que a experiência urbana inscreve-se, sob diversos graus de estabilidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e simultaneamente também configura sua corporalidade, mesmo que involuntariamente. (P.14)

Logo, a corpografia é a “experiência da espacialidade “(idem, p. 15) que objetiva a compreensão das “configurações urbanas como memórias especializadas” (idem, p.16) do corpo que a experimentou. Pensar a ideia de

cidade a partir do corpo que a transita, é enfatizar a importância da subjetividade, dos possíveis outros, ou nos termos apresentados por Deleuze e Guattari (apud Silva, 2018) é a construção de espaços lisos, ou o alisamento dos espaços estriados.

Oportunizar a ideia de cidade a partir do corpo que a transita é criar caminhos, que no mínimo proporcionam percepção de discursos que se estabelecem com aura de objetividade acerca de fenômenos que são subjetivos. Zanella (2020) denomina tal manobra como alteridade cosmética, que em síntese é a exposição da cidade sem convite à leitura, “pois já está decifrada” (p. 21). Sánchez (2010) também chama atenção para a leitura dada da imagem da cidade, pois tais construções aparentam-se com o crivo de objetividade, sendo que para tal visão pudesse ser validada enquanto verdade, houve uma obliteração de tantas outras. Jacques e Britto (2010) apontam que “[...] existe sempre uma outra cidade escondida, ocultada, apagada ou tornada opaca por trás dos cartões postais globalizados” (p.109).

O fim da lógica espetacularizante, denunciada por Guy Debord (1997) objetiva a criação de imagens a partir do ponto de vista de quem domina, só será possível a partir da percepção de que os espaços, logo a cidade, devem ser pensados, não a partir de interesses ou visões de fora, mas sim por quem a vivencia. Agamben (apud Jacques e Britto, 2010) aponta a necessidade de profanar os espaços públicos, ou seja, remover dos espaços públicos “a esfera do sagrado, do consumo da exibição espetacular e restituí-los ao uso comum dos habitantes” (p.110). O supracitado autor aclara que, se a palavra consagrar é o deslocamento do domínio humano para o domínio de qualquer deidade, logo, profanar seria a restituição do espaço ao humano.

Diante da problematização compreende-se que é preciso superar a lógica vigente, tal possibilidade não erigi-se de forma espontânea mas se constrói, e o caminho está claro: urge-se a tomada dos espaços e da cidade pelo corpo.

Referências

- ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade**/ Giulio Carlo Argan : tradução Pier Luigi Cahra. - 4.' ed. - São Paulo : Martim Fontes, 1998.
- CARERI, F. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética/ Francesco Careri ; prefácio de Paola Berenstein Jacques ; [tradução Frederico Bonaldo J. — I. ed. — São Paulo : Editora G. Gili, 2013.
- EISLER, R. **O cálice e a espada**- Nossa história, nosso futuro. Rio de Janeiro: Imago editora, 2001.
- FOUCAULT, M. **O corpo utópico**: as heterotopias. São Paulo: n-1 edições, 2013.
- GUATTARI, F. ROLNIK, S. **Cartografias do desejo**. Rio Janeiro: Vozes, 1986.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**/ Henri Lefebvre; Tradução Rubens Eduardo Frias, São Paulo: Centauro, 2001.
- JACQUES, B. P., BRITTO, D. F. **Corpocidade**: debates, ações e articulações/ organização Paola Berenstein Jacques, Fabiana Dultra Britto. - Salvador: EDUFBA, 2010.
- ROLNIK, S. **Esferas da Insurreição**: Notas para uma vida não cafetinada/ Suely Rolnik. São Paulo: n-1 edições, 2019. 208p.
- SÁNCHEZ, F. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**/ Fernanda Sánchez. Chapecó, SC: 2. ed.- Argos, 2010. 555p.
- SILVA. A. B. T. **Paisagem urbana**: frestas, fricções e descaminhos/ Alan Bezerra Toledo Silva; orientadora, Branca Coutinho de Oliveira. - São Paulo, 2018. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós- Graduação em Artes Visuais- Escola de Comunicações e Artes/ Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde->

[21022019-144621/publico/AlanBeserraToledodaSilva.pdf](#)

Acesso:

17/10/2023.

ZANELLA, V. A. **Arte e cidade, memória e experiência** / organizadora,
Andréa Vieira Zanella. – Teresina : EDUFPI, 2020.